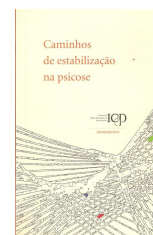


Estabilizar?¹◆

Marcus André Vieira



[Clique aqui para ampliar](#)

Referência:

Vieira, M. A. Estabilizar? In: Maron, G.; Vieira, M.A., Muñoz, N. M., Borsoi, P. (org). *Caminhos de estabilização na psicose*. Rio de Janeiro: ICP-RJ/Andamento, 2011. p. 135-140.

Resumo: “O que é levar uma vida estável? Como esta estabilidade incluiria os transtornos que dão vida a uma história? Uma estabilização pode ser um objetivo digno para o tratamento de alguém sujeito às catástrofes da loucura?” Apresentação e conclusão do livro *Caminhos de estabilização nas psicoses*, Rio de Janeiro, ICP-Andamento.

Palavras-Chave: estabilização, psicose, loucura, sujeito

Apresentação

O que é levar uma vida estável? Como esta estabilidade incluiria os transtornos que dão vida a uma história? Uma estabilização pode ser um objetivo digno para o tratamento de alguém sujeito às catástrofes da loucura?

São interrogações na ordem do dia daqueles que se dedicam a acolher o intenso trabalho dos psicóticos, extraordinários ou não, para encontrar um lugar ao que lhes devasta.

Ao longo de um ano, uma parceria entre o seminário “Lições da Psicose”, conduzido por Marcus André Vieira na *Escola Brasileira de Psicanálise*, Seção-Rio, e o Núcleo de Psicose e Saúde Mental do *Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro* permitiu que os conceitos fundamentais da clínica da psicose segundo a orientação lacaniana fossem apresentados e explorados. Ao mesmo tempo, sua pertinência na clínica da psicose foi examinada pela articulação com oito casos clínicos apresentados pelos participantes do Núcleo.

Esta publicação resulta deste encontro e desta metodologia que possibilitou uma transmissão viva da experiência de analistas que trabalham em instituições de saúde mental. A verificação dos conceitos por meio da prática nos trouxe um aprendizado único que buscamos compartilhar ao reunir os relatos e as discussões que o tema da estabilização provocou no presente volume.

Conclusão

Percorridos tantos dizeres dos encontros entre o discurso analítico e os sujeitos da psicose, devemos assentar algum saber que sirva de conclusão? Proponho que se retome o termo que serviu de norte ao percurso daquele seminário e desta publicação, *estabilização*. Ele ganhou alguma ordenação prática para além de seu valor semântico já conhecido? De fato, cabe perguntar se ele passou a dizer mais do que o senso comum nele reconhece – algo a meio-termo entre a inércia (da estabilidade dos sinais vitais em um CTI, por exemplo) e a adaptação (estabilidade no emprego, por exemplo).

Transcrevo as notas de um dos últimos encontros. Elas resumem o percurso e permitem ao leitor, espero, retornar sobre os casos para encontrar as referências conceituais aqui apenas indicadas, mas sobretudo verificar se as hipóteses levantadas se sustentam.

1.

¹□ Apresentação e conclusão do livro *Caminhos de estabilização nas psicoses*, Rio de Janeiro, ICP-Andamento, 2011.

Visamos a **estabilização**, que na estrutura neurótica define-se como a produção de um ponto de basta. O **ponto de basta** é o estabelecimento de uma ancoragem entre os nomes e o real, baseada, segundo Lacan na estrutura da **metáfora**. Um exemplo: “o chumbo da nuvem”: um **significante**, “chumbo”, vem representar um primeiro (“pesado”, por exemplo) e entre os dois produz-se um *a mais* de sentido. Ele é o selo de uma verdade. A partir do funcionamento metafórico da linguagem, alguns nomes poderão se apresentar como dizendo a **verdade** sobre o real. A **garantia** de que esse *passo* de sentido é uma verdade é dada pela **crença** de que alguém em algum lugar conhece a verdade. Essa crença em ação é chamada por Lacan Nome-do-Pai. Dito de outro modo, o **Nome-do-Pai** é aquilo que no Outro garante o efeito de verdade de uma metáfora.

2.

E na psicose? Nela, o **delírio** é a tentativa de produção de uma metáfora com valor de verdade sobre o real, chamada por Lacan **metáfora delirante**. É a base do delírio. Em vez de uma articulação de significantes, como acima, será uma conjunção de significados. No exemplo, o significado se produz pela conjunção de “nuvem”, “chumbo” e “pesado”. Ele é algo impreciso que excede o significado habitual de cada um dos significantes de partida e que Lacan chamou de **significação fálica**. É um “isso”. Na neurose, portanto, encontramos algo como: “*isso* é (minha) essência”, mas o que é essa essência? Só o Pai sabe. Na metáfora delirante, por outro lado será: “*isso* é um xingamento” ou “*isso* é a prova de que sou o messias”. “Xingamento” e “messias” valem mais pela **significação** que trazem do que pelo significado que produzirão. Eles vêm dar um sentido fixo ao real. É o que Clerambault chama de **postulado**, que se apoia nos significados oferecidos pelo Outro, nos sentidos disponíveis na cultura - as figuras do grande homem, do messias, etc. Haveria outros modos de estabilização? Seguimos as indicações de Lacan no *Seminário 3*: a metáfora delirante é uma estabilização que enfatiza a vertente do **imaginário**. Fizemos a hipótese de que, seguindo os três registros lacanianos, haveria ao menos duas outras vias de estabilização: pelo **simbólico** e pelo **real**.

3.

Tudo parte do **nó borromeano** apresentado por Lacan a seu público por ocasião do seminário, *O saber do analista*. Ele sustenta um tipo muito especial de relação com a qual Lacan formaliza a articulação de seus três registros: Real, Simbólico e Imaginário, propostos desde o início de seu ensino como modo de ordenar nossa abordagem da **experiência** analítica. Grosso modo, parte-se de uma decomposição essencial do que ali se manifesta, entre sua carne (R), sua forma (I) e seu lugar em um sistema (S), ou, para ser mais rápido ainda, entre **espessura**, **textura** e **estrutura**. No nó borromeo, dois nada têm em comum entre si e o terceiro não intervém como **mediador**. Como então se relacionam? Os três se mantêm unidos ao modo da trança e não da relação dual (mesmo intermediada por um terceiro ela ainda é ainda dual). Cada fio é independente, não está “acasalado” com nenhum outro elo “por si” e ao mesmo tempo a sequência dos atravessamentos os mantém unidos.

4.

A estabilização pelo simbólico supõe então que um **significante** (e não um significado) venha dar ancoragem à dança das significações. Ele, porém, não será um significante suposto (no infinito) como o Nome do Pai, mas um significante definido artesanalmente, *ad hoc*, aqui e agora, um S1 na álgebra lacaniana. Apesar desta concretude, para que a nomeação em questão seja a de um significante, é preciso que ele represente o sujeito para um **Outro** (tal como o nome “Joyce” para os universitários que

a partir dele devem trabalhar por trezentos anos). Sem este Outro ele é apenas um bloco opaco de identificação que **petrifica**. Articulado a um Outro institui um lugar de sujeito, a partir de um nome que pode ser **referência**. Afora esta via de estabilização, haveria outra, pelo **real**? Inapreensível, ele não teria como apoiar uma estabilização se não fosse a reviravolta na noção de real empreendida por Lacan em *O Seminário 23, O sinthoma* que parte do desdobramento do **nó borromeano** de quatro elementos.

5.

Este é o pano de fundo topológico da presença de Joyce neste seminário. Uma primeira leitura: *no caso de Joyce* teria sido preciso um **quarto elo** para articular RSI que de outro modo ficariam soltos. A psicose seria um acidente de percurso, um déficit no enodamento “normal” a três. J. A. Miller propõe outra leitura: que consideremos Joyce como paradigma de outra concepção, a de um quarto elo, nomeado por Lacan como **sinthoma**, que valeria para todos, inclusive os neuróticos (onde o Nome do Pai seria o sinthoma). É a tese maior da *Conversação de Archachon*. O nó borromeano a três deixa de ser o apoio fundamental para pensar a constituição do **sujeito** e passa a ser um modo de ilustrar a sonho neurótico de esquecer o quanto é a função paterna que o estrutura. Talvez possamos agora falar em estabilização “pelo real”, desde que se entenda que ela não se sustenta no real “em si”, mas no modo como ele é tomado em uma **amarração** discursiva, tornado objeto em uma estruturação sinthomatica singular, para a qual o sinthoma é fundamental.

6.

O meio mais rápido de destacar a função deste quarto elemento é chamando atenção para as letras que utilizamos para **distinguir** os registros. O nó borromeano, em seu desenho, não distingue qual dos três aros é R, qual é S e qual é I. Por isso sempre que o representamos é preciso acrescentar cores, ou simplesmente letras. É um **artifício** que neste caso corresponde ao uso do giz e do quadro-negro, ou do lápis e do papel. Ele é análogo ao que cada sujeito psicótico produz para fazer com que as várias coisas heteróclitas que compõem sua existência possam se manter unidas neste saco de gatos que é uma **vida**. Nos casos percorridos, quais teriam sido estes artifícios? Eles foram, nestes encontros, aproximados de uma produção, de uma obra se quisermos (desde que bem distante do que evoca “obra” em uma teoria da sublimação, algo elevado, próximo do ideal). Ele é bem mais o que Miller situa como **invenção**, montagem a partir de “materiais preexistentes”, restos, pedaços, fragmentos de discurso.

Referências

‘O ponto de basta é um ponto de convergência de todas as linhas de força de um texto’ (III-303) que ‘tal como o umbigo do sonho, é um furo’ (III-394). ‘A estrutura metafórica indica que é na substituição de um significante pelo outro que se produz um efeito de significação (+)’ (E-518) ou ‘A metáfora brota entre dois significantes, dos quais um se substitui ao outro em um texto’ (E-510). ‘A estrutura da metáfora é simbolizada pela fórmula $S'/S = S(+)$ s (E-518). ‘O sintoma é uma metáfora’ (E-532). ‘Um pai pode encarnar a função paterna, mas a função não se confunde com o personagem’ (E-279). ‘O Nome do Pai diz respeito apenas à função paterna’ (E-279) (às vezes chamada por Lacan “pai simbólico”). ‘O Nome do Pai é o pai morto de *Totem e Tabu*; é o pai como elemento de incerteza essencial, pura fé na tradição ou em outros termos, no simbólico’ (E-562) ‘O Nome do pai é um furo’ (XXIII-20-26, 36, e Regnault-87). ‘A metáfora paterna é a operação que institui este furo no infinito que é o Nome do Pai’ (E-563). ‘O delírio é uma metáfora’ (E-583). Para a “foraclusão generalizada” Cf. Miller, J. A. “Esquizofrenia y paranoia”, *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires, Manatíal, 1985; “Clínica irônica”, *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200, *La conversation d’Archachon*, Paris, Seuil, 1998. Para uma demonstração de como Lacan pluraliza o Nome do Pai e generaliza o nó borromeu de quatro elos ao longo de seu ensino a partir de sua versão formalizada, cf. Miller, J. A. “O Outro que não existe e seus comitês de ética” lição de 18/12/96, p. 143 e Gueguen, P. G. “La homestasié symptomatique dans les psychoses”, *La lettre mensuelle*, n. 211, Paris, ECF, 2002.

Bibliografia

LACAN, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998.

Outros Escritos, Rio de Janeiro, JZE, 2003.

O seminário livro 3, Rio de Janeiro, JZE, 2005.

O seminário livro 10, Rio de Janeiro, JZE, 2004.

O seminário livro 23, Rio de Janeiro, JZE, 2007.

MILLER, J. A. *Orientação lacaniana*, seminário do departamento de psicanálise da Universidade de Paris VII (inédito). "O Outro que não existe e seus comitês de ética" lição de 18/12/96.

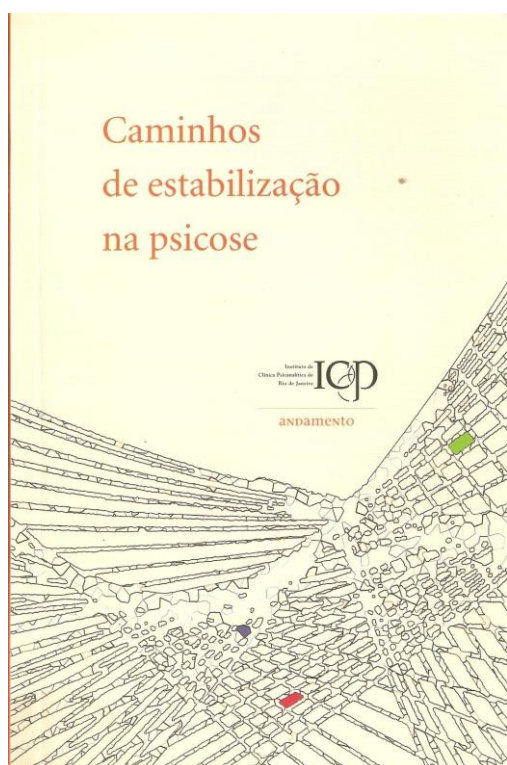
Los inclassificables de la clínica psicoanalítica, Miller, Jacques-Alain y otros, Buenos Aires, ICBA, 2005 ou *La conversation d'Archachon*, Paris, Seuil, 1998.

"Esquizofrenia y paranoia", *Psicosis y Psicoanalysis*, Buenos Aires, Manatíal, 1985.

"Clínica irônica", *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200.

"O último ensino de Jacques Lacan", *Opção lacaniana*, n. 35, São Paulo, EBP, 2003, pp. 6-24.

REGNAULT, f. "o Nome-do-Pai", *Para ler o seminário 11 de Lacan*, Rio de Janeiro, JZE, 1997, pp. 80-92.



COPYRIGHT ©, 2011 dos autores

PROJETO GRÁFICO
Editora Subversos

REVISÃO
Tatiane Grova

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Contra Capa

MARON, Glória; VIEIRA, Marcus André;
MUŠOZ, Nuria Malinovich, BORSOI, Paula [org.]
Caminhos de estabilização na psicose
Rio de Janeiro: ICP - RJ/Subversos, 2011
144 p. 14 x 21 cm

ISBN 978-85-62062-02-5

1. Psicanálise. 2. Psicose.
I. Título. II. Glória Maron. III. Marcus André Vieira.

2011
Todos os direitos desta edição reservados à
Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro - ICP-RJ
Rua Capistrano de Abreu, 14 - Botafogo
CEP 22271-9000 - Rio de Janeiro/RJ
Telefone: (21) 2286 7993
Email: icprj@terra.com.br

SEGUNDA PARTE
Um nome para si

Uma bomba prestes a explodir <i>Andréa Marcolan</i>	65
Uma mãe apoia a filha <i>Suely Azevedo Costa</i>	78
O rei da comédia <i>Vicente Machado Gaglianone</i>	91

TERCEIRA PARTE
Em obras

Da figuração ao papel <i>Dinah Kleve</i>	105
O homem do tempo <i>Nuria Malajovich Muñoz</i>	114
O caso dos papéis <i>Kelly Siqueira</i>	123

PARA CONCLUIR

Estabilizar? <i>Marcus André Vieira</i>	135
Referências bibliográficas	141